



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

VANESSA TATIANE DA SILVA OLIVEIRA

**A ATUAÇÃO DAS RAINHAS VASTI E ESTER DIANTE DO PODER POLÍTICO-
PATRIARCAL: A BÍBLIA ENQUANTO NARRATIVA SOCIAL**

Campina Grande - PB

2019

VANESSA TATIANE DA SILVA OLIVEIRA

**A ATUAÇÃO DAS RAINHAS VASTI E ESTER DIANTE DO PODER POLÍTICO-
PATRIARCAL: A BÍBLIA ENQUANTO NARRATIVA SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras – habilitação em Língua Portuguesa (Artigo), apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Dr. Edson Tavares Costa (UEPB)

Campina Grande - PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48a Oliveira, Vanessa Tatiane da Silva.
A atuação das rainhas Vasti e Ester diante do poder político-patriarcal [manuscrito] : a bíblia enquanto narrativa social / Vanessa Tatiane da Silva Oliveira. - 2019.
24 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Edson Tavares Costa ,
Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."
1. Patriarcado. 2. Sociedade patriarcal. 3. Feminismo. 4.
Dominação masculina. 5. Catolicismo. I. Título
21. ed. CDD 401.41

VANESSA TATIANE DA SILVA OLIVEIRA

**A ATUAÇÃO DAS RAINHAS VASTI E ESTER DIANTE DO PODER POLÍTICO-
Patriarcal: A Bíblia enquanto narrativa social**

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras –
habilitação em Língua Portuguesa (Artigo),
apresentado ao Departamento de Letras e
Artes da Universidade Estadual da Paraíba –
Campus I, como requisito parcial à obtenção
do título de graduado em Letras.

Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 19.06.2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Edson Tavares Costa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) 9,0

Ana Lucia Maria de Souza Neves. 9,0

Prof.ª. Dr.ª. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) 9,0

“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”

Michel Foucault

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 AS ESCRITURAS: HUMANO OU SAGRADO?.....	7
3 A INSTITUIÇÃO CATÓLICA: O SOCIAL, O PODER E O FEMININO.....	12
4 O LIVRO DE ESTER, A DIGNA.....	15
4.1 Duas mulheres distintas entre si.....	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
6 REFERÊNCIAS.....	22

A ATUAÇÃO DAS RAINHAS VASTI E ESTER DIANTE DO PODER POLÍTICO-PATRIARCAL: A BÍBLIA ENQUANTO NARRATIVA SOCIAL

OLIVEIRA, Vanessa Tatiane da Silva¹

RESUMO

As mulheres têm sua luta pela conquista de lugar social marcada por milênios de humilhação e opressão masculina. A religião e as escrituras sagradas dos cristãos – a Bíblia – foram base para uma permanência das mulheres nesse plano de subserviência obrigatória durante todo esse tempo, e aos homens, como autores da Bíblia e como dominantes na sociedade, coube a responsabilidade de praticar a misoginia para perpetuar o poder masculino na esfera político-social e econômica, durante toda a história, até a contemporaneidade. Entretanto, sempre houve mulheres que tentaram quebrar esse sistema. Se, hoje, elas são difamadas, numa época mais antiga, no tempo das escrituras bíblicas, elas eram duramente castigadas, podendo, inclusive, perder suas vidas. A luta da mulher para conquistar espaço não é atual, foi construída a passos lentos, devido a essa estrutura social patriarcal vigente, mas foi iniciada, e temos exemplos de mulheres revolucionárias na própria Bíblia (caso da rainha Vasti no livro de Ester), ainda que reprimidas, castigadas e repudiadas, em suas histórias, deixaram sementes plantadas, para que, um dia, a revolução acontecesse. Para a discussão proposta, foi utilizada a análise bibliográfica de artigos sobre feminismo (Andrée Michel), relações de dominação masculina (Guido Mantega), história da Bíblia (Jonathan Kirsch) e da religião Católica (Heleieth I. B. Saffioti), para relacioná-los com uma análise literária do livro de Ester na Bíblia. O intuito desta pesquisa foi analisar o livro de Ester, à vista da teoria assinalada para discutir as relações da mulher com o patriarcado e a influência deste na sociedade e nos direitos e deveres das mulheres nos tempos bíblicos, bem como a continuidade desse sistema social ainda nos dias de hoje. Assim, pudemos compreender como a luta das mulheres por espaço social foi galgada vagarosamente e a troco de muito sofrimento feminino, e que, essa luta, que se iniciou com pequenas revoluções domésticas (como o caso da rainha Vasti), foi se alastrando com o tempo pela sociedade, até que tivéssemos as conquistas femininas que alcançamos atualmente.

Palavras-Chave: Luta. Mulheres. Bíblia. Ester.

ABSTRACT

The women have their struggle for the social place's conquest, marked by millennia of humiliation and male oppression. Religion and the sacred scriptures - the Bible - were the basis for women's stay in this plan of obligatory subservience throughout this time and for men, as Bible authors and as rulers in society, had the responsibility of practicing misogyny to perpetuate the masculine power in the politico-social and

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: vanessaletrasvtso@gmail.com

economic sphere throughout history until the present time. However, there have always been women who tried to break this system. If, today, they are defamed, in an earlier age, at the time of the biblical scriptures, they were severely punished and could even lose their lives. The women's struggle to conquer space is not current, it was built at a slow pace due to this prevailing patriarchal social structure, but it was started, and we have examples of revolutionary women in the Bible itself (the case of Queen Vashti in the book of Esther) who repressed, punished and repudiated, in their stories, left seeds planted, so that, one day, the revolution would happen. For the discussion of this article, we used the bibliographical analysis of articles on feminism (Andrée Michel), relations of male domination (Guido Mantega), history of the Bible (Jonathan Kirsch) and the Catholic religion (Heleieth IB Saffioti), to relate them with a literary analysis of the book of Esther in the Bible. The purpose of this research was to analyze the book of Esther in view of the theory pointed out to discuss the relations of women with patriarchy and their influence in society and the rights and duties of women in biblical times and the continuity of this social system even in the days of today. Then, we were able to understand how the struggle of women for social space came slowly and in return for much female suffering, and that this struggle, which began with small domestic revolutions (as in the case of Queen Vashti), the time for society until we had the feminine achievements we currently achieve.

Keywords: Women. Struggle. Bible. Esther.

1 INTRODUÇÃO

A luta das mulheres por espaço na sociedade não é uma ação apenas contemporânea.

Embora vejamos maiores proporções e a liberdade de expressão feminina aumentando nos dias atuais, essa semente veio sendo plantada desde o início da civilização patriarcal, quando aquelas poucas mulheres que tinham coragem e entendiam seu direito à vida, burlaram as leis impostas pelos homens e impuseram suas vontades ou pensamentos perante eles.

Essas mulheres foram castigadas, muitas foram mortas e humilhadas – ações que, infelizmente, ainda vemos hoje –, no entanto, naquela época, os homens tinham suas agressões protegidas por lei. Graças a muita luta, foram conquistadas as leis que as protegem, mesmo muitas vidas femininas tendo se perdido no processo.

Como temos a voz para fazer críticas ao modelo machista, no qual estamos ainda inseridos, temos a oportunidade e aliberdade de questioná-lo e procurar entendê-lo em sua raiz longínqua, porém bastante consolidada, analisaremos como

esse modelo vem baseado numa historicidade patriarcal muito forte, e que, por isso, ainda persiste.

A religião é uma das principais consolidadoras do machismo, durante todo seu percurso temporal, e é ela que continua tentando fazer com que esse sistema persista e se perpetue. Por isso, procuramos pesquisar na fonte, no alicerce da principal religião ocidental, o Cristianismo, registros de diferenças de tratamento entre mulheres fortes, com personalidade, e mulheres entregues ao sistema patriarcal, submissas. Esta fonte é a Bíblia.

Temos como intuito, neste trabalho, demonstrar como o machismo histórico está presente em trechos da Bíblia, e, para isso, selecionamos o livro de Ester, do Antigo Testamento, para uma breve análise dessa questão, discutindo a valoração da vida feminina nessa época histórica e como esse livro nos põe na perspectiva cultural e religiosa de um tempo remoto, mas que algumas instituições religiosas defendem e insistem em querer resgatar.

2 AS ESCRITURAS: HUMANO OU SAGRADO?

A Bíblia é um compilado de livros, que são base para algumas das principais religiões que conhecemos hoje, as quais possuem inúmeros seguidores e simpatizantes, quais são: cristianismo, islamismo e judaísmo; cada uma com sua doutrina, porém originárias de uma mesma base de escrituras (KIRSCH, 1998).

“Bíblia” é o plural de *biblion*, palavra grega que significa “livro” ou “papiro”, a planta com que o papel foi fabricado inicialmente. O *biblion* tem seu nome derivado de uma cidade fenícia chama Biblos, localizada no Oriente Próximo, que foi onde surgiu a primeira manufatura de papel. Porém, precisamente, “bíblia” significa “livrinhos”, o que faz bastante sentido, visto que a Bíblia consiste em vários livros que foram escritos separadamente, dos quais alguns são bem pequenos e nenhum é muito longo. (KIRSCH, 1998, p. 328-329)

Em sua versão hebraica, a Bíblia é formada pelo chamado Pentateuco: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, conhecidos como *Torah* (Lei); por outros 21 livros conhecidos por *Nevi'im* ou Profetas, quais são: Josué, Juízes, 1

e 2 de Samuel, 1 e 2 de Reis (Primeiros Profetas); Isaías, Jeremias e Ezequiel (Últimos Profetas), Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias (os 12 Profetas Menores); além dos 13 livros chamados *Kethuvim* Escrituras: Salmos, Provérbios, Jó, o Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, **Ester**, Daniel, Esdras, Neemias, e 1 e 2 Crônicas (cf. KIRSCH, 1998, p. 330)

Por ser embasamento para as religiões citadas anteriormente, a Bíblia é vista como a Palavra de Deus Revelada, portanto, não passível de questionamentos perante seus defensores. Porém, este dogma de indiscutibilidade da Bíblia precisa ser repensado, para que possamos fazer uma análise mais apurada, buscando extrair o que há de mais valioso nestas escrituras: o seu aspecto humano.

Devemos entender, primeiramente, que a Bíblia foi escrita por **mãos (e mentes) humanas**, e esse é um fato que não há como negar, porque, ainda que as religiões acreditem que estas escrituras tenham sido *reveladas* por Deus, esta palavra foi transpassada para o papel por seres humanos, e isso deve ser levado em consideração, visto que nada que passa por mãos humanas é imparcial, mas, refletindo quem os escreve, carregado de ideologias, interesses, conhecimento e cultura. O comportamento dos seres humanos em determinada cultura e em determinado tempo, levando-se em consideração, também, o contexto histórico local e global, é repleto de significações e peculiaridades.

A análise bíblica versada única e exclusivamente pelo viés espiritual anula praticamente todo esse contexto que foi expresso anteriormente, pois a essência do ser social que escreveu é suprimida pela essência do espírito de Deus que *fala* através daquela pessoa, anulando sua persona, sua experiência e convicções e dando lugar apenas ao divino, à palavra de Deus, literalmente.

Pessoas que leem a Bíblia somente pelo viés teológico não se deixam reconhecer a variedade ideológica que existe no texto bíblico. Apenas priorizam o olhar unívoco, doutrinário, e não procuram entender a polissemia das palavras e expressões, e a oscilação das personagens e suas tramas. Por conta disso, inclusive, alguns críticos literários evitam o tema da religião, como se este resultasse em perda da obra literária. (FERRAZ, 2008, p. 17)

A discussão desse distanciamento da concretude bíblica como humana e não apenas divina (para os que acreditam), aqui no Brasil, pode ser aprofundada por conta da desconsideração da Bíblia como literatura, no próprio contexto acadêmico, quando, nos curso de Letras, não se estuda a Bíblia como literatura, fazendo com que não haja um contato de análise crítica literária deste texto, como acontece com os textos de Homero, por exemplo.

Ainda assim, devemos apreender que a Bíblia, como obra humana, não deve abdicar de sua concepção teológica, mas agregá-la, para que possamos compreendê-la em profundidade. Para isso, não é desejável que se estabeleça uma diferença entre o que é teológico e o que é literário ou humano na Bíblia, pois há uma interação complexa entre eles. Ao analisar a literariedade bíblica, estamos exaltando a visão e estrutura humana que cabe ao texto, não descartando seu caráter e análise teológica. (FERRAZ, 2008)

Kirsch (1998) expõe sua visão sobre a perspectiva humana de estudo da Bíblia:

Em certo sentido, portanto, as autoridades religiosas vigentes em todas as épocas e crenças têm-se sentido muito mais à vontade com a noção de que a Bíblia contém *somente* pronunciamentos morais prístinos vindos do alto, e *não* revelações de homens e mulheres reais, que têm de lidar com problemas menos puros da vida na Terra. (KIRSCH, 1998, p. 344)

Porém, na contemporaneidade, podemos contemplar a autoria humana na Bíblia, pois não é mais considerado heresia, segundo Kirsch, e esse fato faz com que a experiência de a ler seja ainda mais rica e acessível. Dessa forma, o “escritor sagrado”, assim chamado pela Igreja Católica há mais de meio século, acaba por ser considerado, pelo viés analítico dito anteriormente, como “o instrumento vivo e racional do Espírito Santo.” (KIRSCH, 1998, p. 344)

Portanto, para entendermos essas afirmações de Kirsch sobre como a Bíblia foi produzida, editada e reeditada diversas vezes por mãos humanas, e hoje se encontra construída por um compilado de livros milenares, composto pelo que eruditos e críticos consideram “uma colcha de retalhos de lendas, tradições, leis criadas ao longo de cerca de mil anos na distante antiguidade por inúmeros cronistas, legisladores e narradores desconhecidos” (KIRSCH, 1998), é necessário

que façamos uma breve volta ao tempo, através de estudos históricos e teorias advindas desses estudos.

Primeiramente, precisamos entender que os livros bíblicos que conhecemos hoje (citados anteriormente), só viraram a Bíblia graças aos antigos rabinos, que, durante gerações, escolheram, corrigiram e organizaram os livros que eram escritos em fins da era bíblica e tempos anteriores, para a criação de uma obra de embasamento às crenças judaicas.

Kirsch nos situa, em relação a esse pensamento:

Somos convidados a imaginar os antigos em algum lugar distante e irrecoverável da história: eles lembraram e transmitiram suas histórias sagradas de geração a geração, mas somente na forma de poemas e canções guardados na memória. Algumas dessas histórias são tão velhas, que ninguém recorda quando ou por que elas foram inicialmente narradas; algumas vêm da religião e da tradição de viajantes e residentes temporários, aliados e inimigos, invasores e conquistadores (KIRSCH, 1998, p. 328).

Sendo assim, segundo o autor, ao longo dos séculos, os escribas e sacerdotes expandiram e desenvolveram tradições da narração, promulgaram leis e prescreveram rituais minuciosos para os dias santos e para o cotidiano, objetivando a formalização das histórias, ajustando-as, dessa forma, à religião oficial do antigo Israel. Concomitantemente, os cronistas e arquivistas, serventes dos primeiros monarcas, registraram relatos considerados oficiais de nascimentos e mortes de reis, comércio internacional e tratados de paz, como vitórias e derrotas em guerras. A posteriori, em tempos de crise, vieram videntes e pregadores, os chamados profetas, e acrescentaram suas visões, exortações e repreensões às escrituras sagradas do antigo Israel.

Assim, a partir do ponto de vista cotidiano dos antigos, procurando identificar, numa perspectiva histórica, a criação do compilado de livros considerados sagrados chamado Bíblia, podemos começar a nos situar na perspectiva da criação humana desse texto, pois, normalmente, não somos convidados a pensar, pelos sacerdotes, sobre de onde vieram aqueles textos e como foram produzidos, parecendo que, simplesmente, foram coligidos por obra divina, após serem escritos por iluminados pelo Espírito Santo.

A construção desses textos até a forma que vemos hoje perdurou séculos e a partir de 1000 A.C. até por volta de 200 A.C., os diversos fios de narrativas,

canções, poesias, rituais sacerdotais, leis sagradas e histórias da corte foram escritos, unificados, costurados e entregues ao povo do antigo Israel e sua posteridade, na forma de um livro conhecido hoje por Bíblia. Na atualidade, o produto último de um processo iniciado na antiguidade é considerado por três religiões como “Escritura Sagrada” e ainda com bastante exaltação, como nas épocas já perpassadas pela longa história da Bíblia (KIRSCH, 1998)

Como dito anteriormente, acredita-se que o produto final ao qual Kirsch se refere, foi finalizado ou canonizado², em sua forma atual, numa assembleia rabínica realizada na cidade litorânea de Jabneh, na Palestina, em 90 E.C., mas sugere-se, na modernidade, que esse processo de canonização levou, na verdade, séculos.

Por ocasião da assembleia de Jabineh, o problema enfrentado pelos rabinos era separar e escolher dentre enorme variedade de escritos mais recentes sobre temas sagrados, inclusive uma proliferação de comentários sobre os primeiros livros sagrados, vários escritos designados apocalípticos que previam o fim do mundo, e os novos ensinamentos cristãos. Assim, o ato final da autoridade rabínica em Jabineh foi fechar o cânon bíblico *judaico* de uma vez por todas. O cânon cristão, naturalmente, permaneceu aberto para receber as escrituras sagradas que conhecemos como o Novo Testamento. (KIRSCH, 1998, p.331)

Ainda que tenha passado por essas etapas para serem compilados os textos presentes na Bíblia, esta possui diversas versões que sobreviveram durante séculos. Esse “problema” de versões diversas da Bíblia perdura até a contemporaneidade, já que podemos achar várias formas de tentar dizer o que os escritos bíblicos ensinam.

Sobre isso, existem algumas explicações, como pontua Kirsch:

Um dos mais intrigantes indícios que sugerem múltiplas fontes da Bíblia é o simples fato de existirem tantas versões – ou “testemunhos”, como dizem os críticos da Bíblia – do antigo texto bíblico. Embora alguns eruditos imaginem que todas as abundantes versões da Bíblia derivem de um único texto original – o chamado texto de Ur –, essa obra nunca chegou a ser encontrada. Antes parece mais provável que muitas versões dos textos sagrados existiram no mundo antigo e encontraram diferentes expressões entre os vários povos e culturas que as preservaram e transmitiram de geração a geração. Qualquer que seja o motivo, o fato é que mais de uma versão da Bíblia sobreviveu ao longo dos séculos. (KIRSCH, 1998, p. 339)

Devido a essas variadas versões bíblicas, algumas religiões sentiram-se livres para adotar a que mais supre os seus interesses, e vemos essas distintas versões

²“Cânon” vem da palavra grega que significa bastão ou vara de medida, e a palavra é aplicada em estudos bíblicos para descrever a coleção de escrituras bíblicas que vieram a ser vistas como sagradas (KIRSCH, 1998).

dentro de vertentes religiosas que são (ou deveriam ser) “irmãs”, como é o caso das religiões cristãs.

3 A INSTITUIÇÃO CATÓLICA: O SOCIAL, O PODER E O FEMININO

As religiões denominadas cristãs, que mais possuem enfoque na contemporaneidade são a Católica e a Protestante, que, inclusive, muitas vezes adotam um caráter de rivalidade, pois disputam fiéis a todo tempo, vindo o protestantismo ganhando muitos desses fiéis nas últimas décadas.

A despeito disso, a religião católica foi, e ainda é, embora mais maleável, na atualidade, soberana, no tocante à influência que exerce sobre seus fiéis mundialmente. Sobre essa influência e como a Igreja Católica procura mantê-la, Saffioti (1976) explica:

Como instituição social, a Igreja Católica tem sofrido transformações que marcam o processo de sua adaptação a um mundo social movente e instável. Todavia, esse processo de ajustamento tem sido suficientemente lento para acusar um grande *décalage* entre as posições assumidas pela Igreja e um conjunto de comportamento que já deixaram de ser inovadores e se encontram em vias de institucionalização na sociedade. Como grupo de pressão, ela tem atuado no sentido de atenuar tensões e retardar mudanças sociais que, de um lado, poderiam reduzir a defasagem entre as estruturas parciais da sociedade e, de outro, elevar as contradições da economia capitalista. Atenuar tensões geradas pela economia de mercado significa, em última instância, para a Igreja, garantir uma posição no *status quo* presente, de cuja manutenção depende sua sobrevivência enquanto grupo que concentra grande poder de decisão. (SAFFIOTI, 1976, p. 90-91)

O poder da Igreja Católica, conforme diz Saffioti (1976), consiste em atenuar as tensões causadas pelo sistema capitalista de produção, criando uma atmosfera de “camaradagem” entre a política, a economia e a sociedade, sem deixar de apoiar e difundir o referido sistema, o que garante a essa instituição o *status* e poder que ocupa há séculos.

Para a Igreja Católica, a subversão da ordem social competitiva e a implantação do socialismo materialista não apenas traz o perigo de eliminação da consciência religiosa, mas implica também grandes possibilidades de séria perda de posição na estrutura de poder. Graças a isso, “as medidas progressistas que a Igreja tem apoiado dentro dos programas da democracia cristã visam à preservação do sistema capitalista de produção”, como afirma Saffioti, além de também

procurarem conservar a estrutura de poder que a sociedade do capital permite. Portanto, como uma Instituição social, a Igreja encontra na base estrutural das sociedades de classes, o que Saffioti diz ser “um limite à ação inovadora”, que poderia resultar da instauração do princípio doutrinário cristão da igualdade entre seus semelhantes. De modo que, em outras palavras, apenas enquanto instituição social a Igreja pode levar adiante o desafio de aplicar a doutrina cristã, mesmo negando-se ao processo de ajustamento ao social. Assim, como modo de defesa de sua posição na estrutura de poder, a Igreja adequa seu corpo doutrinário às expectativas presentes da sociedade, colocando a doutrina cristã em sacrifício, sempre que as condições para a preservação de seu status exigirem (SAFFIOTI, 1976).

Podemos entender, então, que a Igreja é, não somente um suposto elo entre o homem e Deus, mas uma Instituição social engajada na estrutura de poder capitalista, que visa “pastorear” os seres sociais, com o intuito de não perder seu *status* privilegiado. Sendo assim, de acordo com Saffioti, a Igreja flexibiliza algumas questões, ainda que sua doutrina não as aceite, para que consiga garantir sua sobrevivência no poder do sistema social atual.

Todavia, existem certas questões que a atitude da Igreja Católica, atualmente, não difere muito das posições que apresentava a Igreja Católica Medieval, pois fecha os olhos para o desenvolvimento desigual das estruturas parciais da sociedade e para o atraso da outra parcela dessa estrutura social, acabando por defender a ordem social da competitividade, o que, na maioria das vezes, significa deter o ritmo de evolução de certas esferas sociais, fazendo com que a Igreja não deixe de operar como forma de justificar as injustiças sociais (SAFFIOTI, 1976).

Na questão feminina, a posição da Igreja Católica reflete, de um lado, uma doutrina religiosa na qual a mulher sempre figurou como ser secundário e suspeito e, de outro, seus interesses investidos na ordem vigente nas sociedades de classes. Neste sentido, o comportamento da Igreja não tem diferido basicamente da atuação dos demais grupos empenhados na preservação do *status quo* capitalista. Como estes, a Igreja tem evidenciado um esforço de refinamento das técnicas sociais conducentes a manter, embora disfarçadamente, a mulher submissa ao homem. As encíclicas das últimas décadas e outros pronunciamentos papais atestam que a percepção do problema da mulher por parte da Igreja Católica se vincula aos dois elementos acima assinalados. (SAFFIOTI, 1976, p. 92)

Para a Igreja, a mulher é submissa ao homem e usa-se a Bíblia para atestar a veracidade dessa visão machista. Na visão dos Papas que lideraram até o início da

década de 60, embora a mulher tenha dado provas, durante vários séculos, de sua alta qualidade enquanto trabalhadora, principalmente no início da Revolução Industrial, quando todas as pessoas estavam começando a tomar lugar nas fábricas, independentemente de idade e sexo, a Igreja Católica insistia em colocá-la confinada aos trabalhos domésticos ao lado das crianças, reduzindo-a à condição de trabalhadora doméstica não remunerada, que socializa os filhos e garante a prosperidade familiar. Apenas com o Papa João XXIII a visão de subordinação da mulher foi revogada e a mulher reconhecida como pessoa plena de dignidade e consciência de que deve conquistar seu lugar de ser social (SAFFIOTI, 1976).

O Papa João XXIII via com simpatia o processo de independência da mulher e essa percepção deixou repercussões favoráveis ao processo de emancipação feminina.

[...] a Igreja enquanto grupo de pressão poderá contribuir grandemente para melhorar a sorte da mulher nas sociedades ocidentais. Muito mais do que os homens, as mulheres têm sido submissas a Ela e obedientes a seus ensinamentos. Porém tal adesão poderá romper-se paulatinamente ao longo do processo de emancipação feminina. Cumpre notar, aliás, que já agora a religião perde terreno como fundadora da opinião política das mulheres, mesmo das economicamente inativas. (SAFFIOTI, 1976, p. 104 -105)

A repressão é o germe das religiões cristã, islâmica e judaica e, com isso, elas fazem das mulheres, principalmente na Antiguidade, seres humanos inferiores, indignos de exercer funções sacerdotais, por exemplo, por conta do seu sexo. Com isso, desenvolveu-se uma casta de sacerdotes que se baseou na superioridade masculina e no desprezo pelas mulheres, consagrando essa repressão que chegou ao seu apogeu no Ocidente com a Inquisição e que mantém essa hierarquia masculina até hoje – tomando a Igreja Católica como principal exemplo. (MICHEL, 1982)

O Papa João XXIII via com simpatia o processo de independência da mulher e essa percepção deixou repercussões favoráveis ao processo de emancipação feminina.

[...] a Igreja enquanto grupo de pressão poderá contribuir grandemente para melhorar a sorte da mulher nas sociedades ocidentais. Muito mais do que os homens, as mulheres têm sido submissas a Ela e obedientes a seus ensinamentos. Porém tal adesão poderá romper-se paulatinamente ao longo do processo de emancipação feminina. Cumpre notar, aliás, que já agora a

religião perde terreno como fundadora da opinião política das mulheres, mesmo das economicamente inativas. (SAFFIOTI, 1976, p. 104-105)

As mulheres estão criando consciência de sua verdadeira função na sociedade, ao lutar pela sua emancipação. Sendo assim, é necessário que elas não se contentem meramente com a conquista de direitos políticos e civis, esses são básicos para todos os seres humanos, independentemente de gênero, e são apenas uma etapa do processo de emancipação feminina. É preciso que a ordem social seja reorganizada, para que haja uma verdadeira emancipação feminina, e, para isso, o feminismo precisa fazer constante autoavaliação, questionando-se sobre se conseguiu esgotar todas as possibilidades de atuação social e se a ordem capitalista é compatível com a ideologia de igualdade plena entre os sexos.

4 O LIVRO DE ESTER, A DIGNA

O livro de Ester inicia-se com uma grande festa realizada pelo rei Assuero que chamou diversos nobres para fazer uma manifestação da riqueza e do esplendor de seu reino, convidando chefes de exércitos, príncipes e governadores de províncias. Sua esposa, a rainha Vasti, também estava festejando com um banquete que havia oferecido para as mulheres do palácio real do rei Assuero. Durante a festividade, o rei mandou que chamassem Vasti, para a expor a todos aqueles que estavam presentes em seu banquete, com seu diadema real e toda a sua beleza. Vasti, por sua vez, recusou a sujeitar-se à ordem do marido e isso enfureceu o rei.

Todos os príncipes, governadores de províncias e chefes de exército que lá estavam, juntamente com seus eunucos conselheiros, perplexos com o desrespeito da rainha Vasti e percebendo a ira do rei Assuero, o incentivaram a castigá-la, pois não era mais digna de ser rainha. Caso o rei deixasse esse ato desrespeitoso impune, eles argumentavam que todas as mulheres do reino se sentiriam no direito de contrariar os seus respectivos maridos, pois o ato de Vasti as incitaria ao que julgavam uma má conduta.

Vasti foi destituída do cargo de rainha e condenada a não se aproximar do rei nunca mais. Logo, iniciou-se a procura para outra esposa para o rei. Para isso, os eunucos, conselheiros do rei, começaram a procurar pelo reino donzelas virgens e

belas e as levavam para o harém do monarca. Este encontrava-se com cada uma delas, após a purificação de 12 meses a que as jovens eram sujeitas, e apenas seria digna de ser rainha aquela que soubesse agradar ao rei e ele a chamasse pelo nome.

Ester era órfã de pai e mãe e havia sido adotada por Mardoqueu, seu tutor. Ela foi levada para o harém real e, ao encontrar-se com o rei, foi logo coroada rainha por ter sido considerada a mais bela entre as jovens que lá estavam. Antes de ir, Mardoqueu pediu para que Ester não revelasse sua origem judaica a ninguém do palácio.

Mardoqueu ficou por perto e convivia com dois eunucos do rei que conspiravam contra o soberano. Então, Mardoqueu foi à rainha Ester e contou das tramas dos eunucos, que foram levados à força. Como tudo o que se passava, os escribas registraram esse acontecimento de lealdade de Mardoqueu.

Amã, o segundo após o rei, homem que gozava de plena confiança do monarca e tinha considerável poder no reino, virou-se contra Mardoqueu, ao saber, por meio de seus súditos, que este não se curvava diante dele por ser judeu. Amã, cego pelo poder, tramou para que o rei mandasse matar todos os judeus, exterminando o povo de Mardoqueu e, conseqüentemente, ele próprio.

Mardoqueu ao ver a sua situação e a de seu povo, recorreu a Ester e pediu-lhe que falasse com seu marido para que aquilo tudo cessasse, pois o povo judeu estava desesperado de luto, vendo a morte face a face, visto que o dia de seu extermínio estava marcado.

Ester ficou receosa no início, pois o rei não aceitava pessoas em sua presença a qualquer momento, apenas aquelas, às quais ele estendesse seu cetro de ouro, caso não ocorresse, o intruso era executado. Assim mesmo, Ester foi à presença do rei, que, para seu alívio, estendeu o cetro, dando a permissão para que ela entrasse e ficasse em sua companhia.

Ester, então, convidou-o para um banquete, e chamou também Amã, o opressor dos judeus. Eles jantaram e o rei deu voz para que Ester pedisse o que quisesse, que ele concederia. Ela apenas solicitou para que os dois voltassem no dia seguinte para outro banquete. Amã sentiu-se mais importante do que jamais

havia se sentido em sua existência. Ainda embebido de ódio contra Mardoqueu, mandou subir uma forca para ele, pois iria convencer o rei a executá-lo no dia seguinte, antes do segundo banquete com a rainha.

Contudo, durante a noite, o rei não conseguiu dormir e pediu para que lessem os registros do seu reino até então. Ao ouvir a história da lealdade de Mardoqueu, que evitara a conspiração dos dois eunucos contra o seu reinado, perguntou que honras lhe tinham sido dadas, e responderam-lhe que coisa alguma tinha sido dada àquele que havia lhe demonstrado tamanha lealdade.

Amã entrou na presença do rei para pedir-lhe a execução de Mardoqueu, mas, antes que falasse, o rei perguntou-lhe o que um rei deveria dar ao homem a quem deseja honrar. Amã, acreditando que se referia a ele, disse que deveria ser dado uma vestimenta real, a coroa e esse homem deveria ser levado para todos os cantos do reino, com alguém anunciando que era daquela forma que é tratado o homem a quem o rei quer honrar. O soberano deu a ordem imediata para que Amã fizesse com Mardoqueu exatamente aquilo.

Amã, humilhado após ter sido obrigado a ovacionar Mardoqueu, foi ao banquete com a rainha. O rei perguntou a Ester, mais uma vez, o que ela desejava, pois lhe daria tudo o que quisesse. Ela, então, revelou sua origem e pediu ao rei que lhe concedesse a vida e, também, salvasse seu povo. Assuero, ao perguntar a Ester quem estaria maquinando a morte do povo da sua rainha, recebeu a resposta imediata de que a cabeça do extermínio ao povo judeu era Amã, que estava frente a frente com ambos e ficou aterrorizado. Amã foi executado na forca que mandara construir para Mardoqueu, e seus filhos também foram executados. O rei mandou que escrevessem cartas para todos os cantos do reino, revogando a ordem anterior de extermínio dos judeus.

4.1 Duas mulheres distintas entre si

Neste livro bíblico, vemos duas mulheres com atitudes e personalidades distintas.

Inicialmente somos apresentadas a Vasti, mulher que se negou a cumprir as ordens do marido e foi duramente castigada por isso, não sendo mais considerada digna de ser rainha. O simples fato de não ter atendido ao desejo de seu marido fez com que fosse tachada como mau exemplo e fosse destituída da coroa.

Todo o castigo que caiu sobre Vasti foi por conta da desobediência ao seu marido e, não, porque ela desobedeceu ao rei, visto que todos os nobres que estavam no banquete ficaram escandalizados com a atitude dela e argumentavam que a conduta da rainha incitaria outras mulheres a desobedecerem a seus maridos, e, ao castigá-la, o monarca mostraria que as mulheres devem submeter-se aos seus maridos, independentemente do poder financeiro, se eram nobres ou plebeus, as mulheres tinham que ser obedientes aos seus esposos.

“Que lei – disse ele – se deve aplicar à rainha Vasti, por não ter obedecido a ordem que o rei Assuero lhe transmitiu pelos eunucos? “Não foi somente em relação ao rei – respondeu Mamucã – que se comportou mal a rainha Vasti, mas também em relação a todos os príncipes e os povos das províncias do rei Assuero. Porque a conduta da rainha será conhecida de todas as mulheres e as incitará em desprezar seus maridos. Dirão: “O rei Assuero mandou trazer a sua presença a rainha Vasti, mas ela não foi!” Daqui em diante as mulheres dos príncipes da Pérsia e da Média, sabendo da conduta da rainha, responderão do mesmo modo a todos os grandes do rei e disso resultará, por toda a parte, desprezo e irritação (ESTER, 1:15-18).

A luta do patriarcado era para que não fosse desestruturada a ordem social, a qual prevalecia nessa época e região. Com o desprezo das mulheres pelos seus maridos, como disse Mamucã, tudo ficaria fora do seu eixo. Essa desorganização social iria resultar na perda do poder masculino ou, no mínimo, na fragilização dele.

Podemos imaginar quão incômodo seria para o patriarcado perder o poder ou vê-lo enfraquecendo devido a uma revolta feminina. O quanto as mulheres suportavam – e ainda suportam, inclusive – de repressão masculina, para que lavassem, passassem, criassem os filhos, cuidassem dos seus maridos e vivessem para eles. Os homens nunca deixavam de ser crianças, sempre teriam uma mulher para cuidar deles, uma mulher que estaria esperando por eles, não importando o quão mal a tratassem, o quanto a traíssem ou demorassem para chegar em casa. A missão de suas esposas na terra era aquela e elas deveriam estar satisfeitíssimas em terem marido e filhos, cumprindo, assim, essa missão predeterminada por Deus.

Uma inversão de valores acarretaria, seriamente, em uma desestruturação social, com a qual os homens não saberiam lidar, como muitos não sabem até hoje,

mas, naquela época, isso era ainda menos aceitável. A perda do poder masculino nos seus lares implicaria uma perda de poder social, que, por sua vez, também implicaria uma perda de poder político, pois a dominação masculina dentro de suas casas era também um ato político.

Como o homem iria lidar com o “direito das mulheres”? Mulheres também poderiam trair? Mulheres também poderiam trabalhar? Mulheres poderiam ser independentes? Estudar? Ter relações sexuais com pessoas diferentes? Escolher não ter filhos? Escolher não ter MARIDOS? Absurdo! Inimaginável! Imaginar um homem tendo que obedecer a uma mulher por ela ocupar um cargo superior ao dele, por exemplo, era impossível! Essa liberdade feminina seria prejudicial ao cômodo patriarcado.

Em oposição a Vasti, surge a figura de Ester, mulher doce, delicada e subserviente, perfeita para o cargo disponível. Podemos notar a subserviência de Ester devido à sua forma de sempre se referir ao rei, pois durante todo o episódio de perseguição aos judeus, por Amã, Ester vai interceder por eles com muita calma e cautela, para conseguir o que pretendia, sempre muito polida ao se referir ao rei, colocando a conjunção condicional “se” para pedir algo diretamente, como modo de submergir sua vontade e demonstrar que a vontade que realmente importava e valia era a do seu marido.

O rei e Amã foram, pois, ao banquete de Ester. No segundo dia, bebendo vinho, disse ainda o rei a Ester: Qual é teu pedido, rainha Ester? Será atendido. Que é que desejas? Ainda que me peças metade do reino, te será concedido!”. A rainha respondeu: “Se achei graça a teus olhos, ó rei, e se ao rei lhe parecer bem, concede-me a vida – eis o meu pedido; salva meu povo – eis o meu desejo. Fomos votados eu e meu povo, ao extermínio, à morte. Ao aniquilamento. Se tivéssemos sido vendidos como escravos eu me calaria, mas eis que agora o opressor não poderia compensar o prejuízo que causa ao mesmo rei”. “Quem é – replicou o rei -, e onde está quem maquina tal projeto em seu coração?” “O opressor, o inimigo – disse a rainha – é Amã – eis aí o infame!” (ESTER, 7:1-6).

A forma como Ester se refere ao rei ajudou-a a conseguir sua confiança por demonstrar submissão à sua vontade, ou seja, ela faz um pedido que, embora o rei tivesse dito anteriormente que concederia, independentemente do que fosse, foi cautelosamente elaborado para respeitar a figura do seu marido, mostrando-lhe que sua vontade não superaria a vontade dele, e aquele pedido só seria válido se assim o marido quisesse.

Podemos tentar entender essa obediência e calma de Ester como uma estratégia para conseguir realizar o desejo de salvar o seu povo, e esse fato colocaria em xeque a questão sobre a suposta subserviência da rainha Ester diante de seu esposo. Porém, ao lembrarmos o processo da discussão entre ela e Mardoqueu, Ester não queria, inicialmente, incomodar o marido com tal fato, e só foi convencida pelo seu tutor Mardoqueu a intervir a favor dos judeus por uma espécie de chantagem emocional feita por ele.

Atac veio relatar a Ester as palavras de Mardoqueu, mas a rainha mandou Atac responder-lhe: “Todos os servos do rei e o povo de suas províncias sabem bem que, para quem quer que seja, homem ou mulher, que penetrar se ser chamado na câmara interior do palácio, há uma lei real condenando-o à morte, exceção feita somente àquele para o qual o rei estender ser cetro de ouro conservando-lhe a vida. E eis que são já trinta dias que não sou chamada a presença do rei”. (ESTER, 4:9-11).

Ester temia pela morte de seu povo, mas temia ainda mais sua própria morte, ao ponto de sutilmente recusar o pedido anterior de Mardoqueu, para que ela intercedesse pelo seu povo junto ao rei. Ao final do diálogo à distância (um servo de Ester estava fazendo a ponte entre ela e Mardoqueu, pois ele não podia aproximar-se dela), Mardoqueu diz a Ester que não pensasse estar a salvo, por estar no palácio, do massacre contra o povo judeu que estava sendo maquinado por Amã e que, no final das contas, a casa do pai dela também pereceria (ESTER, 4:12-14). Graças a esse comentário, Ester pediu para Mardoqueu orações por ela e foi ao encontro do rei, e toda a polidez em sua voz foi para que o soberano não se irritasse e achasse que ela estava sendo arbitrária, como Vasti fora outrora. A ação de Ester, ainda que corajosa e cautelosa, estava tomada de medo e ele a conduziu durante todos os passos para fazer com que seu marido descobrisse as maquinações de Amã.

Seria interessante pensar em Ester como uma rainha despótica, apenas disfarçada de mulher doce e submissa, mas levando em consideração o histórico da Bíblia e a forma com que ela prega uma mulher perfeita aos olhos de Deus – uma mulher submissa ao homem, que não possua desejos ou maquinações no coração – entendemos que Ester é mais um modelo para o ensinamento bíblico, que obedeceu ao marido, respeitando-o, ainda que a vida do seu povo estivesse em jogo, tornando-se diferente de Vasti, que fora desobediente e com isso causado a sua ruína.

A subserviência da mulher bíblica é historicamente marcada e discutida, principalmente nos dias atuais, nos quais as lutas por igualdade de gênero tomam cada vez mais forças. A abominação a uma mulher que enfrenta seu marido, não é apenas marcada pela cultura ou pelo tempo, mas possui um peso ideológico de hierarquia social, que está sendo quebrado na contemporaneidade, mas que ainda existe.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao verificarmos a história bíblica da rainha Ester, conseguimos perceber como o patriarcado é alicerçado desde os primórdios da sociedade humana e como sempre houve uma luta masculina para o controle dos membros sociais, principalmente das mulheres. As que não obedeciam às leis da sociedade dominada pelos homens, que sempre beneficiavam a eles próprios e lhes proporcionavam todos os direitos, inclusive, sobre a vida das mulheres, tinham suas vidas e estabilidade colocadas em risco.

Ver a Bíblia como literatura e, principalmente, como um livro que ressalta as relações humanas, principalmente as de gênero, nos faz perceber o peso das surdas batalhas travadas nas alcovas e entrelinhas da História, há milênios, sendo as mulheres silenciadas ao mínimo ato de oposição, ou suposição de oposição ao patriarcado.

Sendo assim, a análise das relações que mulheres com personalidades mais fortes e mulheres mais subservientes e obedientes ao patriarcado possuem nos tempos remotos, nos ajudam a embasar a luta pela igualdade de gênero que é tratada até hoje, entendendo esses pequenos lampejos de reação feminina à opressão (de pronto sufocados – algo muito comum na Bíblia), como faíscas para acender futuros movimentos de libertação feminina, cada vez mais abrangentes, pois, como diz Guido Mantega: “A civilização repressiva corresponde a uma fase específica da história da humanidade e pode ser superada, uma vez que não corresponde a nenhuma característica ‘natural’ e inevitável do ser humano” (MANTEGA, 1979, p. 18).

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada Ave Maria: Antigo Testamento. Edição Claretiana - Revisada, 2010.

FERRAZ, Salma. A Bíblia como obra literária: hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo coma teologia. IN: _____ et all (orgs.). **Deuses em poética: estudos de literatura e poesia.** [online]. Belém-PA/Campina Grande-PB: UEPA/EDUEPB, 2008, p. 12-24.

KIRSCH, Jonathan. **As prostitutas na Bíblia** – algumas histórias censuradas. Trad. de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/Record, 1998.

MANTEGA, Guido. Sexo e poder nas sociedades autoritárias: a face erótica da dominação. *In:* _____(org.). **Sexo e Poder.** São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 09-34.

MICHEL, Andrée. **O feminismo** – Uma abordagem histórica. Trad. de Angela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes:** mito e realidade. Petrópolis -RJ: Vozes, 1976.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu Pai e Senhor Deus, pela realização deste trabalho.

Ao professor Edson Tavares Costa, pelas ricas leituras sugeridas, pelo esmero e paciência no processo de orientação.

À minha mãe, Maria Aparecida da Silva Batista, que, de forma direta, apoiou-me toda parte de minha vida, com direções e apoio emocional, quando foi extremamente necessário; ao meu irmão, Diego Pablo da Silva Oliveira, que me deu suporte emocional, segurou minha mão e aconselhou-me nos momentos cruciais do término do curso.

Ao meu querido marido, Joamir Oliveira Barros, que caminhou ao meu lado, durante os anos de curso, dando-me seu apoio, conselhos e orando juntamente comigo, para a conclusão do trabalho e obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

À Sanny Mielly Almeida de Moraes Barros, minha enteada e, principalmente, amiga, por tamanho auxílio, durante a realização deste trabalho.

Às minhas colegas e amigas de turma, Edileusa Verônica da Costa, Gabriela Silva e Mariclene Silva, pela rica amizade, que fez parte de minha formação, e que levarei por toda vida.

E, por fim, à Universidade Estadual da Paraíba, pela base fundamental, durante o processo de minha formação acadêmica; aos docentes e funcionários da referida instituição, pelo apoio e amizade.